



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: REFLEXÕES PSICOPEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Márcia Ferreira de Lima Matias¹
Francisca Willyane Bezerra de Souza²
Yara Priscila Câmara de Carvalho³

RESUMO: Este objetiva discutir a importância da contação de histórias na educação infantil, visto que é fundamental por ser o momento em que à criança será proporcionada a convivência escolar e será oportunizada, ou não, ao prazer de se estar e progredir nos caminhos da escolarização de forma lúdica. Fazemos um percurso histórico sobre a história da literatura infantil e suas contribuições na formação dos atores sociais. Destacamos ainda o papel do psicopedagogo no processo literário. Para tanto, buscamos o aporte de múltiplos autores, como: Abramovich (2009), Zilberman (2003), Amarilha (1997), Miranda (1987), Bettelheim (1980) dentre outros. Com essa abordagem fica nítida que a prática literária na educação infantil propicia a internalização e o prazer em ouvir histórias, aguçando a curiosidade para descobertas das palavras escritas nos livros, que são paginados atentamente mergulhando no mundo da imaginação pelos desenhos neles encontrados. A metodologia utilizada consistiu na revisão literária especializada e aportes legais da literatura infantil. Sendo assim, a contação de histórias proporciona emoções, levando os espectadores a adentrar de forma tão real que os farão verdadeiramente sentir grandes sensações, além de desenvolver o cognitivo levando a um maior repertório oral e consequentemente aprimorar as produções escritas de suas ideias.

Palavras-chave: Educação Infantil, Ludicidade, Contação de Histórias.

1 INTRODUÇÃO

A contação de história vem sofrendo mudanças ao longo dos anos, a respeito de sua estrutura e da importância na formação social do sujeito, proporcionando no âmbito escolar uma aprendizagem significativa e diferenciada.

A educação infantil por ser a etapa inicial da escolaridade merece um olhar especial, cabe aos educadores apropriar-se de metodologias lúdicas, tendo como eixo em suas práticas pedagógicas a interação e a brincadeira, permitindo adentrar no mundo infantil em busca de uma maior interação com o ser aprendente, oportunizando o despertar para o prazer de estar e permanecer neste processo escolar. É neste momento que enfocamos a importância da contação de histórias na educação infantil, fazendo uma análise psicopedagógica, compreendendo a importância da contação de história para o desenvolvimento intelectual,

¹ Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, Educação Infantil e Anos iniciais- Faculdade de Pinhais- FAPI. Graduada em Pedagogia- Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

² Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, Educação Infantil e Anos iniciais- Faculdade de Pinhais- FAPI. Graduada em Pedagogia- Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.

³ Mestranda em Ciências da Educação- Florida Christian University. Graduada em Pedagogia- Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

psicológico e moral da criança, incentivando-a a desenvolver sua criticidade de maneira desafiadora e prazerosa. Dessa forma, uma abordagem psicopedagógica para um melhor aprendizagem é de grande valia, referenciando uma ação em busca da identificação de situações problemas que venham interferir no processo de ensino e aprendizagem, focalizando o estímulo para o gosto da leitura no processo da educação infantil.

Nessa perspectiva, uma situação problema, de maneira geral, que já vem sendo superada se refere a função social da literatura infantil, que ganhou seu espaço sendo de fundamental importância para a formação social do sujeito. Um novo olhar social faz emergir uma nova literatura infantil, que mostra uma literatura voltada para as crianças, onde vários autores da época transformaram obras já existentes e construíram novas obras, não somente com função formadora, mas também, transformadora.

Mediante o tema abordado, daremos ênfase as seguintes temáticas: contexto histórico da literatura infantil; a importância da contação de história na educação infantil; Literatura Infantil: uma abordagem psicopedagógica para melhor aprendizagem.

Com ênfase nestes pressupostos, o referido trabalho de natureza científica propõe uma reflexão a cerca da importância da Contação de histórias na Educação Infantil, provindo de estudos e pesquisas bibliográficas norteadas por autores como: Abramovich, Zilberman, Miranda, Amarilha, Bettelheim, entre outros, em uma visão psicopedagógica, mediando os caminhos rumo às experiências de aprendizagens prazerosas e significativas.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

Para falarmos sobre literatura infantil podemos antes adentrar no conceito da arte, onde vemos que a arte é toda expressão de sentimentos que se utiliza dos códigos artísticos seja ele música, dança, teatro, arte visual ou arte literária, vejamos então a arte literária.

Como a arte é social por sofrer ação do meio e exercer influência sobre ele, a literatura é social e tem também uma função na sociedade. Para compreendermos essa função faz necessário que tenhamos o conhecimento da história da literatura.

A literatura inicialmente era um privilégio de poucos, e estes apenas os que faziam parte da burguesia, já que a educação não era um direito de todos, desta forma, apenas uma pequena parte tinha acesso à literatura.

Diante dessa realidade é pertinente dizer que esse fato tem uma repercussão até os dias atuais, haja vista, as crianças consideradas oriundas de classe menos favorecida, “financeiramente falando”, não tem direito a nenhuma ou boa literatura, contendo toda magia



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

das letras envolvidas nos desenhos e cores, que lhes causam tanto encantamento. Embasando o nosso pensamento, Silva (1985, p.24) afirma:

Com raras exceções em pontos isolados do processo histórico brasileiro, não houve a preocupação em se desenvolver uma política 'honestas' que promovesse o homem brasileiro em toda a sua plenitude. Assim sendo, os bens culturais, no Brasil, têm uma distribuição injusta, restringindo-se às elites. As classes trabalhadoras encontram-se em desvantagem para produzir e expressar suas ideias porque não tiveram o direito de ser leitoras.

Quando a educação torna-se um direito de todos, a literatura passa a ser inserida no cotidiano infantil, mas com uma única função, a de formar. Utilizavam-se da literatura para mudar o comportamento das crianças, reforçando os valores sociais que deveriam ser assimilados e seguidos por todos. Sendo assim, a literatura neste momento não era pensada e voltada para a criança, mesmo porque historicamente as crianças não eram vista como criança e sim como adulto em miniatura.

A família era constituída por todos os que tivessem um grau parentesco, não tendo como base o modelo familiar centrado em pai, mãe e filho, isto só ocorreu tempos depois, havendo assim, uma maior interação e apreço familiar. Ratificando nossas palavras, Zilberman (2003, p.15) diz:

Os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a "infância". Hoje a afirmação pode ser surpreendente, todavia, a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio à idade moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

As crianças compartilhavam das rodas de conversa dos adultos e as histórias que chegavam aos seus ouvidos eram contos populares, episódios de cavalaria que não foram pensadas especialmente para elas.

A partir do século XVII, a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto com características e necessidades próprias, onde necessita ser cuidada em uma educação especial, preparando-a para a vida adulta e o convívio social. Neste momento, a sociedade passa a ter um novo olhar para a criança e os autores que eram influenciados pela mesma criam livros direcionados para os pequeninos, onde além do ABC incluíam orações, ensinamentos morais e políticos, ou seja, eram literalmente formadores. Ariés (1981 apud MIRANDA,1987, p.25) relata:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A aprendizagem social vai deixando de se realizar através do convívio direto com os adultos sendo substituída pela educação escolar, a partir do século XVII sob influência dos reformadores moralistas, popularmente se admitia que a criança não era preparada para a vida, cabendo aos pais a responsabilidade pela formação moral e espiritual dos filhos, o que levou ao aparecimento de sentimentos novos nas relações entre membros familiares: o sentimento moderno de família. Os pais passaram a enviar seus filhos à escola, onde recebiam a sólida formação proclamada pelo pensamento moralista da época. Assim, segundo esse mesmo autor, “a família e a escola retiraram juntas a criança da sociedade dos adultos”.

Inicialmente a literatura infantil objetivava a aprendizagem dos conceitos sociais, formando-as e preparando-as para a vida adulta, limitando desta forma seu pensamento ainda no mundo dos adultos.

Vários teóricos da época passam a estudar o comportamento e desenvolvimento da criança, como: Alfred Binet, Arnold Gessel, Jonh Broadus Watson, Burrhus Frederic Skinner, Jean Piaget e Lev Semenovich Vygotsky, todos deixando um grande legado com relação às teorias sobre criança e desenvolvimento.

Binet na questão das diferenças individuais e a hereditariedade, Gessel foi o primeiro teórico a falar sobre maturação se preocupando com a evolução da criança, do nascimento aos dezesseis anos de idade e ambos estabelecem padrões de comportamento com objetivo de avaliar a inteligência ou o desenvolvimento da criança. Watson defende a influência dos fatores externos do ambiente e da experiência. Piaget aprofundou-se na questão da elaboração do conhecimento e a concepção dos estágios do desenvolvimento cognitivo da criança e Vygotsky concluiu em seus estudos que tudo que é especificamente humano e o distingue de outras espécies origina-se da sua vida em sociedade, ou seja, o desenvolvimento é um processo de internalização que inicia nas relações culturais. Nesse prisma, que se pensa na importância da escolarização e junto com ela a necessidade de criar livros especificamente infantis.

Nesse contexto, a literatura infantil divide-se em dois momentos: a escrita e a lendária. A lendária nasceu da necessidade que tinham as mães de se comunicarem com seus filhos e de contar coisas que os rodeavam, sendo estas apenas contadas. E a escrita quando as histórias contadas oralmente passam a ser escritas nos primeiros livros infantis surgidos no século XVII.

O início da literatura infantil foi marcado por Charles Perrault com grandes clássicos entre os anos de 1628 e 1703 como: A Bela Adormecida no Bosque, O Chapeuzinho Vermelho, A Gata Borralheira, O Gato de Botas, A Mãe Gança entre outros. Essas literaturas inicialmente não continham muitas ilustrações e a escrita era de grau um pouco elevado para a criança, todas elas em seu final apresentavam a moral da história, fato que limitava o



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desenvolvimento cognitivo da criança. Nesse momento em que se explicava a intenção da história impedindo-a de interagir com suas ideias e com o outro, impedia-as de tirar suas próprias conclusões. Bettelheim (1980, p.27) diz:

Explicar para uma criança porque um conto de fadas é tão cativante para ela destrói, acima de tudo, o encantamento da história, que depende em grau considerável, da criança não saber absolutamente porque está maravilhada. E ao lado do confisco desse poder de encantar vai também uma perda do potencial da história em ajudar a criança a lutar por si só e dominar exclusivamente por si só o problema que fez a história significativa para ela. As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da história, enfrentou com êxito uma situação difícil.

Portanto, se levarmos uma história para sala de aula com o objetivo de se trabalhar algum conceito formador, devemos deixar que esses conceitos sejam compreendidos e assimilados por eles próprios, sem precisar orientá-los diretamente, fazendo intervenções na contação ou ao terminá-las.

Após Charles Perraut, vieram outros grandes autores como: Collodi, Irmãos Grimm, Lewis Carrol, Bush, e no Brasil destacamos Andersen com o livro O Patinho Feio e Monteiro Lobato com o seu primeiro livro Narizinho Arrebitado.

Estas e outras histórias perpetuam até os dias atuais envolvendo e encantando crianças de todas as idades e em todas as partes do mundo pela arte da contação de história, seja ela contada por mãe, irmãos, avós, tios, vizinhos ou professores. Corroborando, com o contexto escrito Abramovich (s.d.) descreve:

A iniciação com as maravilhanças de uma história acontece, em geral, adentrando pelos ouvidos da criancinha. É a voz da mãe, do avô, do tio visitante, da primeira professora que chama sussurrante para a gostosura de se embalar na lindura dum conto de fadas, num episódio da Bíblia ou na magia de uma lenda, dum poema brincante, na aventura de outra criança parecida com ela... Se a história for acalentamente contada o encantamento envolve abraçante e o gostinho de quero mais e mais... permanece marcante e marcado.

A partir deste momento se há uma grande mudança na literatura, pois como já dissemos anteriormente a arte é social por sofre ação do meio e influenciar o mesmo. Passa-se então a ter um novo olhar para o mundo infantil, onde os grandes autores transformam suas obras já existentes e constroem novas obras.

Esse processo de transição leva as obras literárias a terem uma função não somente formadora para facilitar a interação da criança na sociedade, mas também, a transformadora com a função de levar as crianças a sonhar, mergulhar no imaginário e navegar no fantástico



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

mundo lúdico através das encantadoras cores, desenhos, ritmos e fantasias. Em fim, iniciava-se uma nova fase no mundo literário infantil. Após varias concepções sobre o que de fato é uma literatura infantil, percebemos claramente sua necessidade e função para formação social do homem.

A criança é oportunizada a desenvolver-se cognitivamente e emocionalmente no momento em que ela viaja no maravilhoso mundo lúdico através de brincadeiras ou contação de histórias, seja ela um conto, uma fábula, uma lenda, em fim, neste momento se permite adentrar nas brincadeiras ou histórias, fazendo uma experimentação do real com o fantasioso, se emocionando e degustando sentimentos, levando-os a uma reflexão crítica de situações que lhes são e serão expostas cotidianamente ao longo da sua vida, fazendo com que se desenvolvam psicologicamente. Lima (2008, p.21) faz uma interessante análise quando diz:

Os alunos que tem oportunidade de fazer, representar e apreciar as diversidades encontradas na linguagem artística de forma orientada tem um desenvolvimento intelectual de percepção mais aguçado e uma compreensão de mundo mais abrangente, pois os códigos da linguagem da arte são envolventes e apaixonantes... As crianças que são privadas destes conhecimentos são mais limitadas em seus desenvolvimentos acarretando em sua maioria dificuldades para exporem suas ideias, pensamentos e sentimentos, reprimindo e silenciando suas emoções.

Desta forma, percebemos a importância de ofertar as crianças à possibilidade de desenvolverem cronologicamente com a experimentação de mergulhos constantes e profundos no mundo da fantasia, seja em casa, na rua ou na escola, e que aquele que ofertar a contação, analise cautelosamente todas as obras, já que estamos falando de literatura infantil.

Mediante esse ponto de vista, devemos levar sempre em consideração suas idades e necessidades do período ao qual se encontram, proporcionando a cada ator social conhecer o mundo e as várias realidades dele, não se prendendo apenas nas que lhes rodeiam.

3 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A partir da Constituição Federal de 1988 a Educação Infantil é reconhecida como dever do Estado garantindo como direito da criança o atendimento em creches e pré-escolas, desde então, as instituições de Educação Infantil vem travando uma busca constante na elaboração de concepções sobre a educação de crianças pequenas. Dessa forma, ao longo dos anos a Educação Infantil começa a ser vista com o novo olhar, buscando assegurar práticas junto às crianças que possam garantir uma aprendizagem continua e sem antecipação de



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental, tendo como objetivo educar e cuidar de maneira indissociável.

Considerando as diferenças individuais de cada sujeito, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, traz uma concepção de criança multifacetada em sua resolução nº 5 (CNE/CEB, 2009, p. 12), em especial seu Art. 4, dizendo que criança é:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Dessa forma, as instituições de Educação Infantil devem proporcionar as crianças saberes e experiências de forma lúdica e prazerosa através das brincadeiras e das interações em meios às diversas linguagens. Nesse contexto, a contação de história proporcionará um papel fundamental e instigador para uma aprendizagem satisfatória.

A contação de história é uma arte lendária, desenvolvida desde os tempos mais remotos por aqueles que nos precederam. A frequência desta ação nos anos iniciais de nossas vidas estimula o prazer em ouvi-las e lê-las.

Antes da convivência escolar, momento em que a socialização passa a ser mais abrangente, a família tem um papel importantíssimo no desenvolvimento cognitivo da criança, servindo de referencial para seus hábitos e ações nos seus primeiros anos da infância, já que neste momento a criança passa a interagir socialmente na maioria do tempo com familiares. Dando ênfase as nossas palavras, Cavalcante (2004, p.67) relata que:

A importância da família na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos.

Dessa forma é importante ressaltar o valor da família na educação social das crianças, pela interação tão intensa em todas as etapas da formação do indivíduo. A contação de história é uma das mais incríveis aventuras da vida humana, pois ela permite devanear em mundos antes desconhecidos e viajar por vários e distantes lugares sem sair do lugar onde se esta. Nos faz sentir frio, mesmo em climas quentes, proporcionando dessa forma na criança, adolescente, adultos e idosos, indescritíveis emoções por envolver a ludicidade. Corroborando com esse pensamento, Gomes (2003 apud AMARILHA, 2003, p. 225-226) diz:

Contar histórias é permutar sentimentos entre aquele que conta e os que ouvem, em clima de envolvimento e afetividade com o texto. É também indicar aos leitores o caminho da biblioteca, livrarias, salas de leitura, sinalizado pela vontade de aprender



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

a conhecer mais e “viajar” pelo inusitado mundo ficcional, onde o gosto e o imaginário firmam o passaporte de embarque.

No momento que lemos um maravilhoso texto ou ouvimos a contação de uma encantadora história, fazemos representações simbólicas, mergulhando profundamente no decorrer das tramas, saindo do real para o fantasioso nos causando encantamento e prazer. Neste momento nos apropriamos e fazemos julgamento do valor da leitura. Corroborando nossa fala, Cavalcante (2004, p.67) afirma:

Dessa forma, a narrativa das histórias do mundo têm sentido apenas no momento em que se entrelaçam na história de vida do próprio sujeito. Pois, para a criança Branca de neve, Chapeuzinho vermelho, Cinderela, A bela e a fera, O gato de botas e tantas outras narrativas têm sentido porque dizem respeito aos diversos aspectos e conteúdos experimentados simbolicamente por ela. De fato, qualquer narrativa tem como ponto de partida a própria história de vida do leitor.

Analisando as ações das crianças, percebemos que o jogo simbólico está presente em todas as atividades lúdicas, fazendo-os crescer intelectualmente, proporcionando um desenvolvimento mais completo cognitivamente falando. É preciso acentuar que a contação de história contribui para o desenvolvimento da criança de forma bastante significativa, levando-a a criatividade em suas ações, auxiliando no estímulo para a resolução das questões de raciocínio lógico, aumento do seu repertório linguístico e principalmente estimula o interesse pela aquisição da leitura de maneira satisfatória.

A inserção na escola nos anos iniciais é de suma importância, pois é o lugar ideal para formação cultural do indivíduo, trabalhando intrinsecamente os conceitos de responsabilidade, respeito mútuo, cidadania, solidariedade, entre outros, necessários para um convívio saudável em sociedade.

A escola é um espaço privilegiado, onde serão propostos desafios que abrirão portas para mente humana em caminho à socialização e aprendizagem. É importante ter em mente que seja oferecido a criança pequenas doses diárias de uma agradável contação de história, sem coagir, mas com naturalidade, desenvolvendo assim um hábito que poderá acompanhá-la por toda sua vida.

Devemos ressaltar que estamos falando de educação infantil, onde o mediador deve propor a esses alunos momentos de aprendizagens significativas, que fiquem marcados em suas vidas como um início escolar agradável, tendo a ludicidade como base metodológica em sua atuação profissional como discente. Amarilha (1997, p.54) nos ajuda a esclarecer a importância da ludicidade como metodologia pedagógica, quando diz:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A atividade lúdica proporciona o contato com o simbólico. Quando a criança decide brincar de casinha, transfere para objetos, bonecas e para suas próprias atitudes representações de coisas e fatos do mundo real, mas que são realidades imaginárias. Quando a criança veste a máscara de um personagem, ela faz o mesmo trajeto das brincadeiras, ela faz-de-conta que é Cinderela, faz-de-conta que é bruxa e, assim brincando, vivencia dramas que podem ser seu agora, mas que também são antecipatórios do destino humano.

Torna-se evidente que a criança ao entrar nesse universo lúdico, é estimulada a fazer uma comparação do real com o imaginário. A criança passa a construir novas aprendizagens, uma vez que reformula seus conhecimentos prévios através destas comparações.

As crianças que são proporcionadas a vivenciarem a contação de história desde os primeiros anos de sua vida, com o passar do tempo são transformadas em grandes leitores, tornando assim o ato de ler uma prática constante, podendo concorrer com qualquer outro entretenimento dos dias atuais, transformando-os em seres críticos e reflexivos com relação à massificação tecnológica. Fica claro, que a contação de história é peça fundamental para o contato da criança com a leitura, oportunizando assim uma maior interação com os meios culturais que lhes são expostos em seu convívio social.

Nesse sentido, é preciso construir instrumentos que desenvolvam o senso crítico da criança em suas aprendizagens, pois acreditamos que quanto mais oportunidades as nossas crianças tiverem de ouvir, ver e sentir leituras, maior será seu repertório para produção e reprodução das ideias e maior será sua sensibilidade na interação com o outro.

A contação de história ajuda a criança a assemelhar dados da realidade como regras, conhecimentos sociais, e a trabalhar conflitos internos por intermédio da representação simbólica, também contribui para o desenvolvimento infantil, uma vez que resgata no lúdico a aprendizagem, proporcionando um contato prazeroso com a linguagem escrita, sendo uma importante ferramenta não apenas para alfabetização como também para o conhecimento de mundo além do alto conhecimento.

4 LITERATURA INFANTIL: UMA ABORDAGEM PSICOPEDAGÓGICA PARA UMA MELHOR APRENDIZAGEM

A Literatura Infantil se constitui como mecanismo de auxílio da ação psicopedagógica com as crianças que possuem dificuldade no processo de aprendizagem, contribuindo assim, para a superação dessas dificuldades. Dessa forma, podemos realizar diversas composições de trabalho, como por exemplo, leitura, contação de história, releituras, construções e



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

apresentações de teatro, contribuindo na construção de interpretações, construções, ampliação de vocabulário, motivando a construção de suas próprias histórias.

Nessa ótica, podemos dizer que essas atividades garantem a oportunidade das crianças conviverem com a leitura e escrita, sendo estimuladas a gostar de ler e ainda trabalhar suas dificuldades de forma lúdica e até prazerosa. Sendo assim, a utilização da contação de histórias na educação Infantil, na sessão de psicopedagogia, pode ter a finalidade de despertar na criança o gosto pelos livros, pelas letras e pela leitura, reestabelecendo um vínculo que por ventura tenha sido fragmentado pelas dificuldades de aprendizagem.

Nesse contexto, a psicopedagogia enquanto ciência que tem como objeto de estudo a aprendizagem, busca por meio de seus profissionais a resolução dos possíveis problemas que possam intervir no processo de ensino e aprendizagem, além de desenvolverem ações preventivas nas instituições educacionais visando à diminuição dos possíveis problemas nesse processo dedicam-se em sua atuação, a observação, análise e intervenção quando necessário. Fagali, (2008, p.9) ressalta: “A psicopedagogia surgiu como uma necessidade de compreender os problemas de aprendizagem, refletindo sobre as questões relacionadas ao desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo, implícitas nas situações de aprendizagens”.

Sendo assim, os estudos psicopedagógicos vêm no decorrer dos anos desmistificando vários problemas com relação ao ensino e aprendizagem, seja o psicopedagogo institucional ou clínico, em junção com outros profissionais de áreas afins desenvolvem cada vez mais excelentes trabalhos na área educacional. Sargo (1994 apud MOURA 2010 p.23) faz suas considerações dizendo:

O trabalho psicopedagógico nas escolas se caracteriza por possibilitar reflexões, observações e mudanças examinando os diferentes caminhos existentes na produção do conhecimento sem que se fixem “culpados” pelo fracasso escolar, uma vez que o objetivo maior é o de restaurar a relação fundamental entre ensinante-aprendiz na busca do conhecimento [...].

Depreendemos então que o psicopedagogo é um mediador que contribuirá na prática educativa, quer seja na construção de recursos; no auxílio do professor, quer seja, na prevenção ou superação das dificuldades de aprendizagem. Sá; Valle; Dellou (2008, p.22) fazem seus comentários dizendo:

O psicopedagogo procura, em sua ação, mobilizar o indivíduo, considerando que os processos cognitivos como os de atenção, percepção e memória são determinados pelas condições de maturação neuropsíquica orientada pela emoção e pelo afeto, pois os sentimentos de prazer e sucesso são determinantes na aprendizagem.

Dessa forma, a literatura infantil como mecanismo psicopedagógico contribuirá a desenvolver os processos de aprendizagem facilmente, por isso é importante que as crianças



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

desde os primeiros anos da sua vida possam ter contato com esse mecanismo lúdico, levando-as a uma internalização cognitiva de sentimentos, de interação, de criação e recriação. Nesse contexto, analisamos a importância da contação de história na educação infantil, como momento de ludicidade e prazer, inserindo os pequenos atores ao mundo da leitura mediando os caminhos rumo à alfabetização.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que tudo que nos dar prazer fica marcado em nossas vidas, mesmo que esse prazer seja nos primeiros anos da educação, se algo proposto lhe foi prazeroso ficará marcante e marcado intuitivamente, principalmente no que tange a leitura, portanto, a escola sempre será lembrada como um lugar agradável, acalentador onde lhe foi apresentado o mundo das letras, a descoberta das palavras, abrindo-lhes horizontes jamais imaginados.

Para que estas descobertas tornem-se importante, é necessário que se tenha prazer ao realizá-la, no entanto, dependerá particularmente da forma que a criança foi inserida no mundo da leitura.

Fazendo uma abordagem na ótica psicopedagógica sobre a importância da contação de histórias na educação infantil, compreendemos que é um fator essencial na formação do leitor, visto que a maneira encantadora contribui para as crianças sonharem, imaginarem, mergulharem e sentirem, alimentando a necessidade de aprender, buscando o prazer que lhes foi provocado em momentos onde as ouviam dos seus avôs, pais, irmãos, tios, primos e mestres.

Enfim, a sociedade contemporânea precisa de bons leitores, pessoas conscientes dos seus direitos e deveres na sociedade, para que possam lutar pelos mesmos tornando-os de fato cidadãos críticos, reflexivos e atuantes em prol de uma sociedade melhor e mais justa para todos, tudo isso é desencadeado por práticas de contação de histórias que se iniciam na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. Texto para formação do leitor. In: **Leia Brasil - A formação do leitor**. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/pdf/material_apoio/FannyAbramovich.pdf>. Acesso em: 10 maio 2009.
- AMARILHA, Marly. **Estão Mortas as Fadas?**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997 – Natal: EDUFRRN.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação Infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

BRASIL, LDB – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei 9.394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, 4. Ed.

BRASIL, MEC – SEF. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil. Brasília:** MEC/SEF, 1998. V. 1.

CAVALCANTE, Joana. **Caminhos da leitura infantil e juvenil.** São Paulo: Paulos, 2004.

FAGALI, Eloisa Quadros; VALE, Zélia Del Rio. **Psicopedagogia institucional aplicada: aprendizagem escolar dinâmica em sala de aula.** 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LIMA, Márcia Ferreira de. **A importância do ensino da Arte como elemento cultural na formação dos cidadãos.** 2008. Monografia 36f. Departamento de Ensino e Graduação - DEG - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Ceará-Mirim. RN, 2008.

MIRANDA Marília Gouvêa. O processo de socialização da escola: A evolução da condição social da criança. In: **Psicologia social: O homem em movimento.** LANE SILVA, T. M. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MOURA, Cleberson Cordeiro de. **Uma Ação Psicopedagógica na Escola: Um novo olhar sobre a educação.** Proposta de Trabalho. 22fls. Departamento de Ensino de Graduação - DEG. Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Ceará - Mirim/RN. 2010.

SÁ, Márcia Souto Maior Mourão; VALLE, Bertha de Borje Reis do; DELLOU, Cristina Maria Carvalho et al. **Introdução a Psicopedagogia.** 2.ed. Curitiba: IESDES Brasil S.A., 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira.** 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SIMONETTI, Amália. **O desafio de alfabetizar e letrar.** Fortaleza: IMEPH, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.